

DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 665

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LOSECULO

A COBIÇA DA CAÇAROLA

■ Por LAURA CHAVES ■

Certa dama caçarola,
que vivia na cozinha,
era altiva, muito tóla,
com ar de grande rainha.

De alumínio rebrilhante,
olhava a louça esmaltada,
como olha D. Elefante
a formiga atarefada.

Só a tampa que a tapava
é que a fazia sofrer.
Uma argola a ornamentava,
o que era pobre a valer!

Se tivesse carapeta
como a tampa da panela,
ficaria de chupeta
e de tódas a mais bela!

E tal raiva ela sentia
contra a tampa, êsse diacho,
que cada vez que fervia
atirava a tampa abaixo.

E esta tais trambalhões dava
que se amolgou ao cair
e depois já não tapava
e acabou por não servir.

Foi então que uma criada
colocou na caçarola
a tal tampa cobiçada
com carapeta de bola.

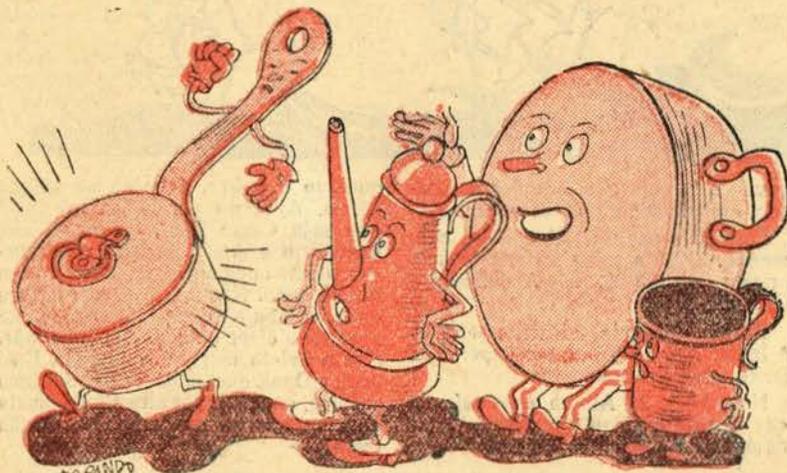
Mas, logo, tóda a cozinha
desatou à gargalhada...
Que figura que ela tinha
assim tão mal mascarada!



Com êsse respêgo enorme,
que até dava riso vê-lo,
com êsse chapéu disforme,
só lembrava um cogumelo!

E além do que se passou,
dessa troças tão vexantes,
a caçarola ficou
mais mal tapada que dantes.

Na vida, o que desconsoa
é esta coisa tão feia:
haver tanta caçarola
que cobiça a tampa alheia.



SOU PORTUGUÊS!...

Por MANUEL FERREIRA

Há muito já que andavam sussurrando aos ouvidos do Zé Albino para se naturalizar americano: — «Porque não deixa de ser português? Você aqui vive há vinte anos. Na América se casou e aqui constituiu família. Verá, depois, as facilidades que tem na vida...»

O dono da fábrica, um gordo yanke, Tom Baur, mais duma vez o instava: — «Quando você, Zé Albino, for meu compatriota, fica sendo o mestre dos teares.»

Zé Albino, o bom serrano, meditava, cismando naquilo de mudar de Pátria. Custava-lhe deixar de ser português. Mas é certo que acumularia vantagens com a sua naturalização. Deixaria de ser olhado como estrangeiro. Amealharia mais dólares com que, de volta a Sedielos — sua terra natal — faria um prédio, onde a velha mãe viveria contente. No fundo duma arca pregueada, o pé de meia tilintaria, fascinante...

Por que não fazes isso? De mais, tôda a gente lá da aldeia o conhecia pelo nome de americano.

Começaram a desaparecer-lhe as hesitações.

Um belo dia, encontrou um amigo, também português. Era o doutor Gonçalves, advogado, que tratava dos negócios da fábrica donde o Zé Albino era operário.

A conversa veio logo a recair na naturalização. O doutor Gonçalves contou que o patrão o havia convidado o fazer-se americano. Teria imenso proveito. Depressa arranjaria melhor colocação em qualquer Tribunal de «Providence».

história. Mas, para isso, vamos até ao bar beber qualquer coisa.»

Instalados em frente de dois sorvetes, o doutor começou:

— «Há, na Europa, quasi no extremo, um país pequenino mas lindo como não há outro. De cima ao fundo, é todo êle cheio de flôres, de montanhas, de grutas e de rios sussurrantes. No alto dos montes branquejam moínhos e, perto dos rios, azenhas choram nas levadas...»

— «Que terra é essa, doutor? — perguntou o Zé Albino. — Há, assim, uma terra tão linda?»

— «Sim, meu amigo. As mulheres são belas e os homens cavadores e marinheiros. Cantam, dançam, em festas cheias de tradições e de cor. À vista de monumentos deslumbrantes, feitos por homens que rendilham as pedras, as velhas, à lareira, fiam nas suas rocas.

Mas, adiante dêsse país está o mar imenso. E os homens, certo dia, pensaram que para lá existiam terras maravilhosas...»

— «Que fizeram?» — perguntou o operário.

— «Fizeram-se ao mar. A golpes de bravura, êsses homens encontraram novas gentes. Habitados a varrer a pau as feiras das terreolas, lutavam, levando de vencida êsses selvagens. Apegados à cultura da terra, começaram a colonizar regiões imensas. Ensinados, por suas avós, a rezar, iam, a

O Zé Albino, que estava sobre brasas, não se conteve mais:

— «Mas, doutor, que pátria vem a ser essa, que nunca ouvi falar dela?»

Medindo as palayras e com um sorriso nos lábios, o advogado retorquiu:

— «Esse país lindo é Portugal, Portugal que tu pensas renegar a trôco do ordenado de mestre duma fábrica...»

Zé Albino, com uma lágrima furtiva, protestou:

— «Não, não! Nunca me tinham dito isso.»

E desculpava-se:



— «Cá a gente, doutor, não sabe essas coisas. Mas o nosso país é tudo isso?»

Então, um americano, fulvo e esguio, que estava perto dos dois amigos, intrometeu-se na conversa, falando, embora difficilmente, a língua portuguesa.

— «Oh, yes. Portugal ser um glorioso país. Mim é deputado, mim é juiz, mas, acima de tudo, mim tem orgulho de ser descendente dum navegador português!»

Quando o yanke voltou à carga, Zé Albino respondeu, num ímpeto:

— «Não, mister Tom. Amo o seu país que é, de facto, uma poderosa nação. Mas Portugal, parecendo pe-



pouco e pouco, com o poder da oração, desbravando aquelas almas.

Êsse país pequeno alargou-se pelo mundo. Tôda a terra foi sua. Descobriram a África, as Américas, a Oceania.

Fôram, por terra, à China; por mar, à Índia. Até no Tibet, um império de lenda, essa gente aportou.

Nota bem, Zé Albino, êsse país, de que te falo ensinou o mundo a viajar na água e a demandar os céus!

quenino e pobre, é hoje uma grande pátria. Ajudado por Deus, foi de lá que saiu Côrte Real, o homem que descobriu a América. Não vou renegar o país onde o meu pai dorme o seu último sono. Não vou esquecer a terra onde passou a minha infância e onde aprendi a dizer o nome de minha Mãe. Sou e hei-de morrer português. E só peço a Deus, que, antes de dar o último suspiro, eu possa vêr através da janela do meu quarto, os campos da minha terra...»

— «Claro está que o doutor vai proceder assim...»

— «E você, Zé Albino?»

— «Eu cá, — tornou o operário — farei o que o doutor fizer...»

— «Pois, então, vou-lhe contar uma

NÃO SE AGARREM AOS ELÉCTRICOS

Por AGOSTINHO DOMINGUES

ERAM 10 horas da noite e Ricardito sem aparecer em casa. Pedira à mãe, depois do lanche, que o deixasse ir brincar algum tempo para a rua e, contra as recomendações maternas, afastara-se de casa, arrastado pela companhia dos garotos de pé-descalço, cuja vida aventureira, mas muito mais infeliz do que a dele, o seduzia.

A mãe, aflitíssima, como pode calcular-se, e o pai não menos zangado que aflito, procuraram-no em todas as ruas próximas da sua e bateram às portas de todos os vizinhos, numa ansiedade louca, sempre à espera desta resposta consoladora: — «Está aqui a brincar com o meu filho.»

Debalde interrogavam as pessoas que encontravam sobre se tinham visto uma criança, um rapazinho assim, assim, de oito anos, louro, bonitinho e muito bem vestido. Os transeuntes acenavam ou diziam que não, ainda que o tivessem visto, tão diferente e favorecido era o retrato que de Ricardito lhes pintava o amor dos pais.

Depois de calcuriarem, cada um por seu lado, muitas ruas, bateram a muitas portas, interrogarem inúmeras pessoas, alguém sensatamente lembrou:

— «Porque não vão às esquadras?»
— «Para quê?» — replicou a mãe, sacudidamente — «O meu filhinho não é nenhum criminoso!...»

— «E quem lhe chamou tal coisa, minha senhora? Não se zangue. Eu compreendo muito bem a sua aflicção. Também sou mãe e olhe que já fui, uma vez, buscar o meu filho, que hoje é homem, a uma esquadra. Tinha-se perdido nas ruas de Lisboa e valeu-me a Polícia tê-lo encontrado a chorar.»

— «Tem razão, pode ter-se perdido. Ai, o meu filhinho, onde estará ele agora?!»

Foi entre gemidos que a pobre mãe, acompanhada já por duas amigas que encontrara, se dirigiu, ainda em vão, à esquadra mais próxima, que telefonou para todas as outras.

Ricardito não estava em nenhuma delas. Não fôra visto pela Polícia.

Entretanto, o pai tivera uma luminosa ideia, melhor diríamos uma dor no coração:

Não estaria o seu querido filho no hospital?

E correu logo ao Hospital de S. José.



Ali informaram-no de que, de facto, dera entrada na sala de observações uma criança em estado grave, sem fala, cuja identidade se ignorava.

Calcule-se a amargura daquele pobre pai, ao reconhecer o seu filhinho prostrado numa «marquesa» e rodeado de médicos que se esforçavam por chamá-lo à vida!

Da cabeça de Ricardito, envolta por um saco de gelo, escorria ainda um teimoso fio de sangue. E' que, como depois se verificou, tinha o crâneo fracturado.

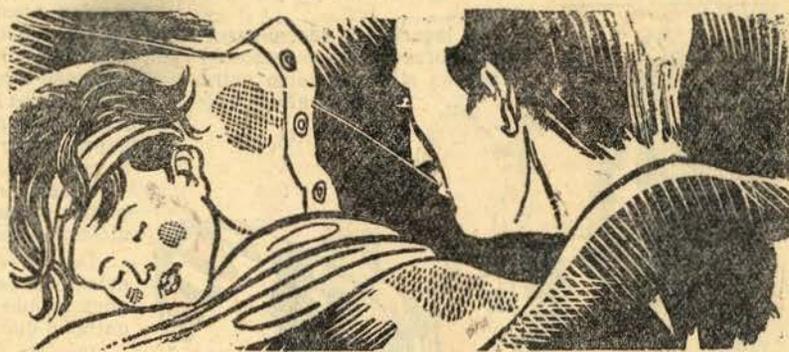
Entre a vida e a morte, a infeliz criança esteve quasi um ano no hospital. Pagou assim bem cara a sua desobediência às recomendações da mãe. Levado pelo mau exemplo dos companheiros, Ricardito, logo que se apaixonou longe da vista da mãe, começou a agarrar-se às traseiras dos automóveis, camionetas e «eléctricos», numa arriscadíssima brincadeira, que lhe dava o prazer de se deslocar, sem pagar, duns locais para outros, até ser visto e ameaçado pelos condutores.

A certa altura, aconteceu o que quasi sempre acaba por acontecer aos meninos desobedientes: — teve o castigo da sua desobediência.

Quando, com o «eléctrico» em grande velocidade, se atirou ao chão, com medo do condutor, bateu com a cabeça na calçada e ficou estatelado, sem sentidos e a esvaír-se em sangue, até que o conduziram ao hospital, onde o pai o fôra encontrar.

Ricardito sofreu muito, durante meses e meses, mas salvou-se. Menos sorte tiveram muitos outros rapazes, que morreram em consequência de idênticos desastres.

Por isso, os meninos nunca devem agarrar-se aos automóveis, camionetas, «eléctricos» ou carroças.



A D I V I N H A S

Concursos quinzenais de poesias e contos infantis

I

Qual a coisa, qual é ela...
que é apelido corrente,
que as aves gostam de ter,
castigo de penitente
e serve para escrever?

II

Qual a coisa, qual é ela...
que serve para rezar,

que lembra pequena bola,
que anda ao pescoço em colar
e que se aprende na Escola?

III

Qual a coisa, qual será...
Animal de quatro patas...
Mas, quando assim não o tomem,
gancho de consertar loiça;
e quando pingado: — um homem?!

Na última reunião do Júri, na qual foi concedido o 1.º prémio à poesia que publicámos no nosso penúltimo número, intitulada: — *Aquela cabrinha má...* obteve menção honrosa a poesia que publicámos no n.º imediato: — *Espertesa de menina*, apresentada sob o pseudónimo de Frei Cano, e que é da autoria de Fernando de A. Carneiro.

ANIMAIS QUE SE VESTEM

♦♦ ♦♦ por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA ♦♦ ♦♦

O homem veste-se, sobretudo, para se defender do frio. Alguns animais fazem o mesmo para passarem despercebidos aos seus inimigos ou para se aproximarem, sem serem pressentidos, da presa que cobiçam.

Não é necessário procurar muito, para apresentar aos meus amiguinhos um desses exemplos.

Mesmo dentro das nossas casas, principalmente nos re cantos mais escuros, existe a larva dum insecto que se veste — chamo a isto vestir — rebolando-se na poeira. Fica como uma bola de lixo,

Graças a essa mascarada, pode alcançar, sem que a vejam, os bichinhos de que se sustenta, ou sejam mós cas, mosquitos, pulgas, vermes, etc.

Quando chega perto, lança-se sobre as suas vítimas, enterrando-lhes o ferrão no corpo.

Há um outro exemplo parecido nos jardins, mas ainda mais interessante; são os casulos das borboletas, conhecidos por *Psychés*.

Constróem invólucros curiosíssimos. Forrados de sêda no interior, abertos nas extremidades e cobertos de palhinhas, ervas ou musgo.

Às vezes, a cobertura é simplesmente poeira ferrosa. A forma geral é cônica ou cilíndrica. Há uma espécie que, depois de enrolada, fica tal qual uma casca de caracol.

Outros têm a habilidade de se vestirem como se fôsses folhas de verdura, e parecem, assim, um elegante cestinho.

Quando estes casulos passeiam entre as plantas rasteiras ou sobre os muros é quasi impossivel dar por elles.

Os pássaros, que os devorariam verosamente se os vissem, passam a seu lado sem os descobrir.

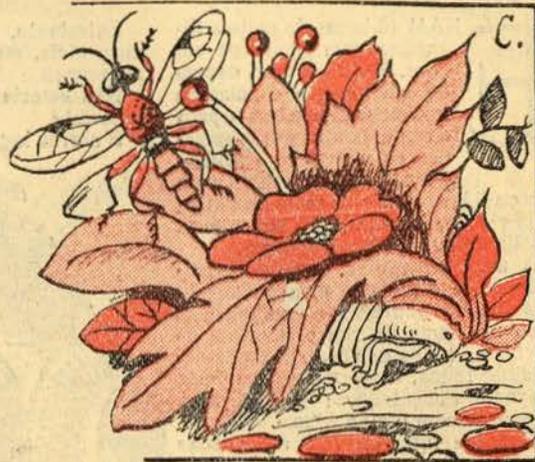
A vestimenta de poeira é, pois, um excelente meio de defesa que estas larvas inventaram.

As fêmeas das borboletas não têm asas como os machos; só possuem umas patinhas muito desajeitadas.

Vivem no interior do fôrro que lhes deixaram as lagartas, das quais nasceram.

E', também, ali que põem os ovos.

As lagartinhas recém-nascidas devoram depois os restos do corpo da mãe e dividem entre si os bocadinhos do



fôrro que aproveitam para fazer vestidos, como já descrevemos.

As larvas *Phryganas*, que vivem nos tanques, fabricam um fôrro protector com diferentes materiais.

Metem-se nesse ninho ao menor alarme e, muitas vezes, se transportam nele para toda a parte.

Assim passeiam entre as ervas, sem que as vejam. Os materiais variam conforme as espécies. Ora são pedras, ou areia, ou pedacinhos de erva, tudo do mesmo comprimento, postos paralelamente em espiral regular.

Também aproveitam aparas de madeira ou mesmo conchinhas, dentro das quais os moluscos continuam vivendo.

Reaumur, o descobridor deste facto, acrescenta: — «A vestimenta em que se encobrem é muito bonita, mas bem estranha!».

Calculem como seria extraordinário um selvagem que, em lugar de se cobrir de peles, se cobrisse de ratos, toupeiras ou outros animais vivos!

Assim, são estas larvas.

Além disso, as *Phryganas* podem variar o fôrro do estojo, conforme o material que têm à sua disposição.

Quando o fabricam de pedras passeiam sobre elas, para as escolherem.

Fazem, em seguida, uma abóbada com duas ou três pedras planas, suspensas e ligadas por fios de sêda e alojam-se debaixo delas.

Depois, escolhem as pedras uma por uma, pegam nelas com as patas e trabalham tal qual um pedreiro, conseguindo que cada uma entre no intervalo das outras e que a parte plana fique para o interior.

Quando a pedra está bem colocada, a larva prende-a com um fio de sêda às pedras que estão perto. Começa o estojo pela parte de fóra.

Os estojos de pedras levam a fazer umas cinco ou seis horas.

Na último período da sua vida, a larva ainda tem outro encargo.

Vai passar ao estado de ninfa, sempre imóvel, durante este período, sem defesa contra os inimigos.

Nalgumas espécies, fecham as extremidades com uma rede de malhas largas por onde passa a água.

Também as costumam fechar com uma pedra lisa.

Se a larva vive na água de pântanos, o estojo flutua ou fica no fundo, mas



PEDIDOS DE MENINO

Por AUGUSTO de SANTA-RITA

Os papás e os avôzinhos
do menino Zé Maria,
que por êle eram doidinhos,
davam-lhe quanto pedia.

Bastava um ligeiro aceno,
só com dois dedinhos feito;
e o pedido do pequeno
era logo satisfeito.

— «Quero um fato; quero um luxo;
quero um pião; quero um jogo!...»
E as ordens do pequerrucho
eram satisfeitas logo.

— «Quero as damas; quero o lôto;
quero a Glória; quero os dados!...»
E os desejos do garoto
eram logo executados.

— «Quero um bôlo!...» Em desatino,
berrava a torto e a eito;
E o desejo do menino
era logo satisfeito.



— «Quero ir na Primavera
viajar até Paris!»
E o desejo do petiz
satisfeito logo era.

Até que um dia, o menino,
— oh, mas que lembrança a sua! —
inda em maior desatino,
pediu os astros, a lua!...

Tal pedido do Bêbé,
impensadamente feito,

não pode ser, já se vê,
como os outros satisfeito.

Porque estava habituado
a darem-lhe quanto qu'ria,
o menino malcriado
fez uma tal berraria

que os seus avós e papás
chegaram à conclusão
que é deveras eficaz
às vezes dizer um não.

Os pedidos, muitas vezes,
devem-se contrariar,
porque há na vida reveses
que ninguém pode evitar;

desejos que é necessário
saber conter, reffrear,
reprimir, pois, de contrário,
leva-se a vida a chorar!

■ F I M ■



na água corrente
é necessário que a
larva tome mais
precauções.

Antes de ninfa,
prende o seu ninho
com um fio de sêda
a uma planta, ou
pedra, colocando-o
inclinado, de forma
que a água se re-
nove com facilidade.

F
I
M

ADIVINHA-PROBLEMA

(Solução do penúltimo) número:

O desenho tem nada mais nada menos do que oito erros. Os óculos e o charuto, os botões das abas do casaco e da manga esquerda, a luva direita com a abertura ao contrário e as unhas dessa mão visíveis, a bengala e a bota.



Nunca infligireis maus tratos
A animais que são prestáveis,
Cães, burros, cavalos, e....
Nem às aves amora....!

Em sabeis, ó lusa gente.
«Quem maltrata um animal,
Que vive, que sofre e s....,
«Não é de bom natur..!»

OS NOSSOS
CONCURSOS

ENCONTRAI
RIMAS
E
FIXAI
CONCEITOS

POR
JOSINO
AMADO

EXEMPLO DE CARIDADE

Por ROSA AMELIA TOSCANO

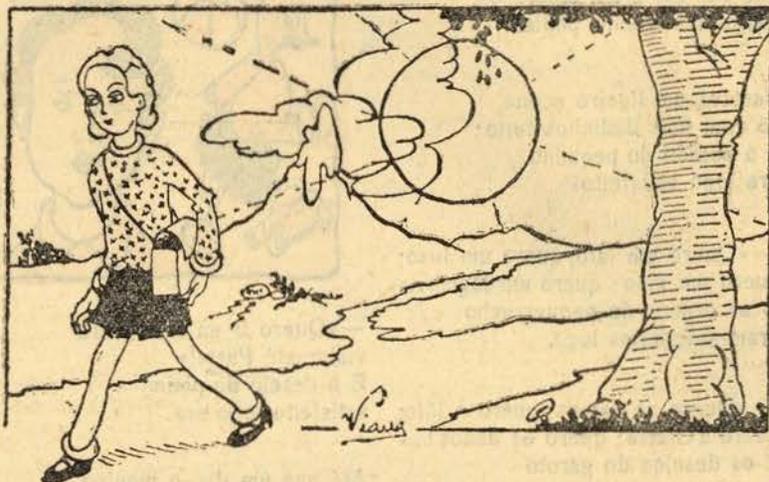
TODAS as quartas feiras e sábados, antes de ir para o colégio, a Néné pedia à mãe que lhe desse dois tostões. A senhora D. Luiza, (assim se chamava a mãe da Néné) satisfazia sempre o pedido da filha, sem inquirir qual o fim a que destinava o dinheiro, mas convencida de que era para comprar rebuçados, pois ela revelara-se há muito uma lambareira.

Ao aproximarem-se as férias grandes, a Néné andava triste e apreensiva, como se uma grande preocupação a atormentasse. Preguntando-lhe a mãe a razão de tal tristeza, que tão estranha lhe parecia, Néné limitou-se a informar que não era caso grave e que o remédio estava, apenas, em possuir, no último dia de aulas, vinte escudos...

O pedido foi imediatamente atendido, sem que a senhora D. Luiza lhe fizesse qualquer observação, embora ficasse um tanto desconfiada, em face do ar misterioso da filha.

No último dia de aulas, ao chegar a casa, a Néné vinha radiante!

Tinha concluído a sua passagem para a quarta classe, com a mais alta classificação: — vinte valores! Nenhuma das suas condiscípulas obtivera nota tão elevada.



Mal a criada lhe abriu a porta, correu ao encontro da mãe, a quem mostrou o certificado do seu bom comportamento no colégio, juntamente com um embrulho que, ao abrir, verificou serem dois lindos livros de histórias, o prémio tão justamente merecido pela sua aplicação aos estudos.

Então Néné contou à mãe como tinha decorrido o último período escolar e o facto de, logo no primeiro dia, após as férias da Páscoa, haver encontrado, próximo do colégio, um velhinho que lhe pedira esmola. Como levava sempre dois pães para o lanche, nunca hesitava: — dava-lhe sempre um, e nas vésperas de feriados, os dois tostões que pedia à mãe e que esta lhe dava como prémio do seu bom comportamento.

Assim decorreu o tempo até se aproximarem as férias grandes. Logo que conseguiu os vinte escudos, a Néné foi entregá-los ao seu pòbrezinho para que, durante as suas férias, lhe não faltasse o pão que lhe dava todos os dias, de manhã, ao ir para o colégio. O velhinho, agradecido, rezava a Nosso Senhor para que sempre guiasse por bom caminho a sua pequenina bemfeitora.

Naquele dia lá estava ele à porta do colégio, à espera da Néné, ansioso por saber o resultado que ela obtivera nos seus exames. Enternecido com a bondade daquela criança e, como lhe não podia agradecer doutra forma, prometeu-lhe que lhe contaria, durante as férias, lindas histórias.

Depois de relatar tudo isto à mãe, pediu-lhe licença para ir brincar para o jardim, todos os dias, durante as férias, pois lá estaria, à porta, o bom velhinho, pronto a contar-lhe as lindas histórias que lhe prometera. Então, D. Luiza observou-lhe que não podia ser, porque iriam passar o mês de Julho à praia mas que daria ordem às criadas para servirem todos os dias almoço e jantar ao pòbrezinho da Néné e que daria autorização para o alojarem na casa do jardineiro. A Néné ficou radiante.

E, agora, após ter passado um mês alegre e feliz na praia, todos os dias a vejo, no jardim, conversando com o seu velhinho, ouvindo, muito atenta, as lindas histórias que ele lhe conta, e as santas orações que lhe ensina, agradecendo a felicidade que lhe dá e pedindo que lhe conserve como recompensa da sua grande bondade.



CURIOSIDADES A DIVINHAS

ÁRVORES GIGANTESCAS

As maiores árvores do mundo existem na Tasmânia, nas margens dum lago situado ao pé do monte Wellington, e s o eucaliptos gigantes. Uma destas árvores foi derrubada por um tuão e caiu no lago. Para a retirar foram precisos 50 cavalos, a poder dos quais foi estendida no chão paralelamente ao lago.

Esta árvore tinha 145 metros de altura e o seu diâmetro, na base, era de 45 metros.

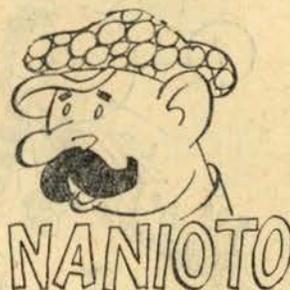
Sómente 28 homens, de braços estendidos e de mãos dadas, conseguiam abraçá-la.



MARCOS PORTUGAL

Marcos Portugal, célebre compositor português, nasceu em Lisboa a 22 de Abril de 1762; notabilizou-se desde muito novo compondo muitas óperas, e outras peças que foram onvidas com aprêço em vários teatros da Europa, sobretudo em Itália onde viveu 8 anos.

Foi mestre da Capela da Côte de D. Maria I. Morreu em 7 de Fevereiro de 1850 no Rio de Janeiro, onde repousa o seu corpo.



Como se chamará este senhor de bigodeira tão patusca?

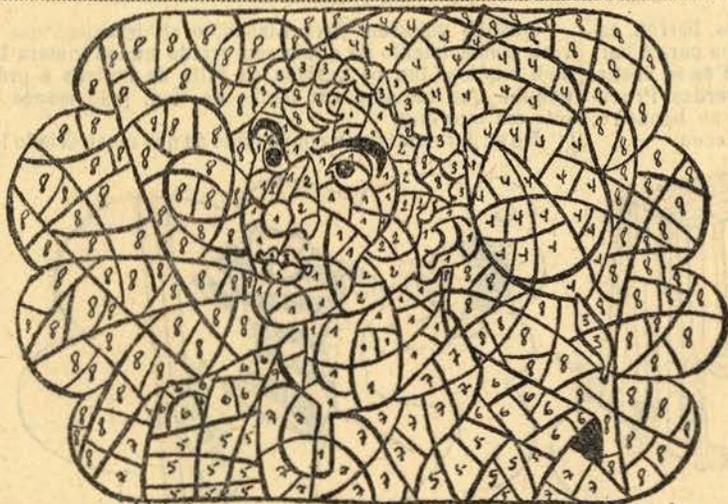
Combinem as letras e vejam se descobrem.



Este patinho estava muito bem a conversar com o seu amigo D. Galoró, mas este, a certa altura, por partida, escondeu-se.

Vejam os nossos leitores se são capazes de dar com êle.

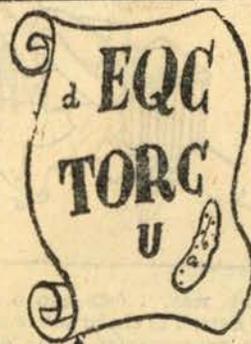
PASSATEMPO



Mas que trapalhada! Que estará representado nesta confusão de risquinhos?! Para o descobrirem basta que colorem com lápis de côr ou aguarela os espaços numerados, com as seguintes côres:

- | | |
|---------------|----------------|
| 1 - laranja | 6 - azul |
| 2 - s clara | 6 - azul claro |
| 3 - encarnade | 7 - amarelo |
| 4 - verde | 8 - cinzento |

ENIGMA



Digam os meus amiguinhos qual o ditado popular representado neste desenho.

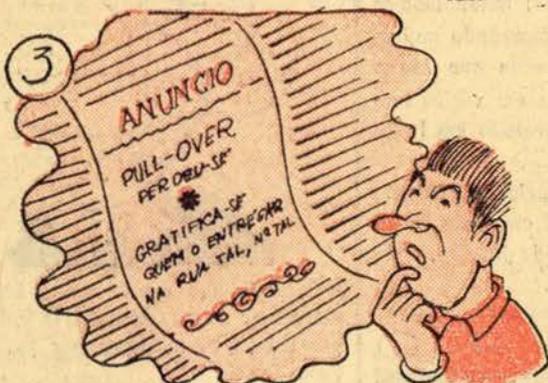
O CRIADO DO SENHOR JEREMIAS



O ano passado o sr. Jeremias foi passar o verão ao Estoril e levou o seu criado aldeão. Logo que pôs os pés na praia, o seu criado arregalou os olhos de espanto diante daquela gente tóda, que se banhava no mar, porque nunca tinha visto ninguém tomar banho.

O sr. Jeremias vendo o espanto do seu criado, explicou-lhe os benefícios do banho de água salgada e aconselhou-o a experimentar um banho de mar.

O criado do sr. Jeremias, que tinha tanto medo da água como os macacos, ficou aterrado mas lá se dirigiu a uma barraca, despiu-se e enfiou o fato de banho mas, assim que



meteu um pé na água fria, esgazeou os olhos, berrou, esperneou, e não houve meio de avançar. Voltou para a barraca e tornou a vestir-se mas, quando acabou de se vestir, deu por falta do seu «pull-over» de riscas verdes. Procurou-o por tóda a parte, perguntou por ele ao banheiro, pôs um anúncio e o seu «pull-over» não apareceu.

Quando voltaram para Lisboa, o sr. Jeremias, que tivera conhecimento de que o seu criado nunca tomara banho, explicou-lhe os perigos da falta de higiene e ordenou-lhe que tomasse um banho de tina, pelo menos de oito em oito dias.

E o sr. Jeremias ficou convencido de que o seu criado lhe



obedecia, mas... êste ano o sr. Jeremias foi outra vez para o Estoril e, chamando o seu criado, disse-lhe:

Vais experimentar tomar outro banho de mar. Tantas há-de tomar que acabarás por te habituar e até por gostar.

O criado do sr. Jeremias, curvou a cabeça com ares

fatalistas e lá se dirigiu para uma barraca, a-fim-de se despir, mas, mal passaram dois minutos, deitou a cabeça e um braço de fóra da barraca e, agitando a seu «pull-over» de riscas verdes, bradou todo satisfeito:

«Sr. Jeremias! Sr. Jeremias! Encontrei o meu «pull-over»! Tinha-o vestido o ano passado debaixo da camisa!»

ISABEL AREOSA